

Os conceitos de *Tipo* e de *Modelo* em Architectura¹

Amílcar de Gil e Pires

Arquitecto, Professor Auxiliar da F.A.U.T.L.

amp@fa.utl.pt

Segundo Victor Consiglieri, a História da tipologia pode dividir-se, nos dois últimos séculos, em três fases significativas. A primeira teve o seu apogeu no Séc. XIX, nos discursos de Quatremère de Quincy, Durand, Viollet-Le-Duc, Ruskin e Semper, que defendiam que *“a tipologia tinha um carácter atemporal relativamente aos factores históricos e universais, aplicando-se, pois, em qualquer sociedade”*.²

A segunda fase tipológica decorreu no Movimento Moderno, entre 1920 e 1950, incidia também em princípios estéticos de composição arquitectónica e na elaboração de teorias formais, agora baseadas em princípios funcionalistas que originavam regras de análise e de classificação formal da Architectura, essenciais para a sua concepção e estruturação.

A terceira fase é coincidente com o período Pós-Moderno dos anos 70 (Séc. XX), fundamenta-se nos conceitos teóricos da primeira fase, mas agora com uma abordagem semiótica, e tem como referência autores de discursos teóricos de grande divulgação e aplicação na prática projectual como é o caso de G. Carlo Argan; Aldo Rossi; Leon e Rob Krier, Ricardo Bofill, entre outros.³

A primeira noção rigorosa de *tipo arquitectónico* tem origem na cultura académica francesa, em J. N. Durand. Este arquitecto teórico definia o tipo como a *“estrutura interna da forma arquitectónica”* e como o *“processo metodológico do projecto baseado na articulação de elementos e partes em planta e em fachada”*.⁴

¹ Apartir da sua Tese de Doutoramento em Architectura: *Vilegiatura e Lugar na Architectura Portuguesa*, defendida na Faculdade de Architectura da UTL em Fevereiro de 2008.

² Victor Consiglieri, *As Significações da Architectura – 1920-1990*, Ed. Estampa, Lisboa, 2000, p.147.

³ Ibidem, p.147.

⁴ Josep Maria Montaner, *A Modernidade Superada – Architectura, Arte e Pensamento do Séc.XX*, Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 2001, p.110.

⁵ Victor Consiglieri, *Op. Cit.*, p.149.

*“No segundo volume das Lições, J. N. Durand apresenta uma exaustiva compilação de projectos de edifícios públicos, de sua autoria, que reflectem bem duas atitudes. Uma, referente à tipologia; a outra à sistematização clássica, à ordem e ao desenho, que é um somatório de elementos de espaços, de formas individualizadas já expostas no primeiro volume das mesmas Lições. Durand quer, através de uma significação de linguagens, dar às conexões de pequenos volumes, aos pátios e coberturas um ritmo próprio, transformando-os em sinais emblemáticos da sociedade do princípio do século XIX, aplicando esta linguagem aos grandes edifícios; tais como, palácios de justiça, hospitais, escolas, etc. As igrejas e catedrais, até então os sinais que marcavam a cidade, são substituídos por estes novos objectos.”*⁵

Foi outro académico não menos importante – Quatremère De Quincy – que, no seu *Dictionaire Historique de L'architecture* (Paris, 1832), fez uma distinção clara entre “tipo” e “modelo”. Definiu “tipo” como a “ideia genérica, platónica, arquetípica”, como a “forma básica da arquitectura”, e “modelo” como “aquilo que se pode repetir com rigor, como um carimbo que possui uma série de caracteres recorrentes.”⁶

“A palavra ‘tipo’ não representa tanto a imagem de uma coisa a copiar ou a imitar perfeitamente, mas sim a ideia de um elemento que, por si mesmo, deve servir de regra ou modelo. [...] O ‘modelo’, entendido de acordo com a evolução prática da arte, é um objecto que deve repetir-se tal como é; o tipo é, pelo contrário, um objecto em função do qual se pode conceber obras que não se assemelhem nada entre si. No modelo tudo é dado e preciso; no tipo tudo é mais ou menos vago. Assim, a imitação dos tipos não tem nada que o sentimento ou o espírito não podem reconhecer [...].”⁷

Devido à sua clareza e actualidade, esta definição de Quatremère De Quincy foi recuperada e desenvolvida por Giulio Carlo Argan no seu artigo *Sobre o Conceito de Tipologia Arquitectónica*, assunto que aprofunda teoricamente noutros textos que lhe são complementares. Em *Tipologia, Simbologia, Algoritmo e Forma Arquitectónica* define o tipo como a confirmação de um esquema – esquema que não nasce como hipótese de resposta a uma determinada exigência prática e funcional mas como “redução de uma série de variantes formais a uma suposta estrutura comum”.⁸

No seu livro *O Conceito de Espaço Arquitectónico do Barroco aos Nossos Dias*; no capítulo sobre “tipologia arquitectónica”⁹, começa por relacionar o problema da tipologia arquitectónica com a designada “arquitectura de composição”. Entende que a “composição” é a associação de elementos arquitectónicos feita com base em esquemas tipológicos.

Contrapõe à ideia de *modelo*, associado à cópia e à imitação, a noção de *tipo* como a “ideia geral da forma de um edifício” materializada num esquema estruturante que suporta as mais diversas variações, quer na sua organização volumétrica e proporções quer ao nível dos elementos compositivos e de pormenor.

Neste texto decompõe a tipologia arquitectónica em dois níveis distintos: o primeiro diz respeito à organização e distribuição dos elementos arquitectónicos, independentemente da função específica do edifício – “tipo de definição espacial”; o segundo refere-se concretamente à função do edifício – “tipo de definição funcional”.

No *tipo de definição espacial*, uma igual forma de distribuição das componentes arquitectónicas do edifício pode referir-se a funções completamente distintas.

⁶ Josep Maria Montaner, Op. Cit., p.110.

⁷ Giulio Carlo Argan, “Sobre el concepto de Tipología Arquitectónica” in Luciano Patetta, *Historia de la Arquitectura : Antología Crítica*, Ed. Hermann Blume, Madrid, 1984, p.49 - citação de Quatremère De Quincy, *Diccionario Histórico*.

⁸ Giulio Carlo Argan, “Tipologia, Simbolismo, Allegorismo delle Forme Architectoniche” in *Bollettino del Centro Internazionale di Studi di Architettura Andrea Palladio*, n°1, Vicenza, 1969, p.20.

⁹ Giulio Carlo Argan, *El Concepto de Espacio Arquitectónico del Barroco a Nuestros Dias*, ED. Nueva Vision, Buenos Aires, 1966, p.29

Os esquemas de distribuição e de definição espacial são estruturados por elementos arquitectónicos, independentemente da sua função.

No *tipo de definição funcional* são consideradas as formas gerais dos edifícios em conjunto, directamente relacionados com a função específica. A particularidade desta função ou destino do edifício poderá assumir um carácter objectivamente prático ou mesmo simbólico. Como exemplo podemos distinguir o tipo de palácio urbano renascentista, a villa suburbana ou o templo religioso.

Este segundo nível da tipologia relaciona-se com o tipo de definição espacial (na definição de *subtipos segundo as funções*). Argan dá o exemplo da arquitectura Paleocristã em que um edifício circular tem um carácter puramente sagrado e simbólico e é dedicado ao culto, e um edifício longitudinal tem como função principal a congregação e a reunião da comunidade para o ensino religioso.¹⁰

Para Argan, projectar um edifício com uma função particular deve ter em conta os distintos tipos de definição espacial, e eleger o que resultará mais adequado. Os tipos funcionais representam, deste modo, uma especificação em relação à função dos tipos de pura distribuição espacial.

A classificação por ordens tipológicas específicas também pode incidir nos elementos arquitectónicos constituintes do edifício, onde estão, obviamente, incluídos aqueles que expressam cargas simbólicas determinadas – ex. cúpula, colunas, pórticos, etc.

Qualquer tipo funcional de edifício que se tenha particularizado na História da Arquitectura é determinado sempre pela comparação de um objecto particular com uma série, o mais exaustiva possível, de objectos da mesma família, se possível todos os exemplos conhecidos. Para se estabelecer, por exemplo, o tipo de Villa Paladiana, deverão, teoricamente, estudar-se todas as Villas Paladianas construídas e destacar todos os elementos que se repetem nestes exemplos. Os de maior clareza e afirmação arquitectónica ou espacial serão isolados do todo construído e servirão para definir o tipo específico.

*“O tipo resulta de um processo de selecção em que se separam todas as características que se repetem em todos os exemplos da série e que, logicamente, posso considerar como constantes do tipo.”*¹¹ Baseia-se num esquema que não tem qualquer valor artístico porque só é visto como esquema de distribuição de elementos relacionados com uma determinada ideia de espaço ou com uma função específica. Argan dá a imagem de um *“esqueleto espacial”* comum que, depois de destacado da série, poderá servir de base para uma concretização espacial e formal dum determinado programa arquitectónico.

O desenvolvimento de esquemas tipológicos baseados na *“coerência do tipo”*, mesmo com critérios formais de concepção particular por parte dos arquitectos, mas sem alterar o *“esqueleto”* de base, foi o processo de criação arquitectónica que, segundo Argan, marcou toda ou quase toda a arquitectura renascentista e barroca. Desde então todos os elementos formais agregados a um esquema

¹⁰ Ibidem, p.31.

¹¹ Ibidem, p.34.

tipológico definido foram construindo experiências culturais e arquitectónicas que, em muitos casos, modificaram, desenvolveram e ajudaram a definir tipos particulares. Processo que terá continuidade, naturalmente no futuro, sempre sem pôr em causa o curso natural de afirmação da neutralidade formal do tipo.

*"[...] o tipo, que representa o momento de conclusão da História, o momento no qual acabo a minha relação com o passado, representa, também, a condição da minha nova invenção[...] É precisamente a neutralidade formal do tipo o que impõe ao artista a actividade formal da invenção; podemos, assim, considerar o momento da tipologia como o momento negativo que implica, pressupõe e aplica o momento positivo da invenção."*¹²

A abordagem tipológica em Arquitectura tem duas componentes: a primeira é *analítica* e refere-se ao processo histórico da Arquitectura; a segunda é *conceptual* e decorre do processo imaginativo e operativo da Arquitectura.

Na generalidade, a tipologia não é um factor determinante na concepção arquitectónica mas está sempre presente no processo artístico como elemento de racionalização formal pertencente a uma cultura arquitectónica particular.

É facto assente que muitas das tipologias arquitectónicas conhecidas foram veiculadas e até criadas e desenvolvidas pelos tratados de Arquitectura, cuja importância na concepção arquitectónica, a partir do Renascimento, é indiscutível.

O conceito de tipo, ao estar associado a uma generalidade e a um esquematismo gráfico, não pode influenciar directamente a criação formal e estética do objecto arquitectónico. Este nunca se formula antecipadamente mas é, antes, deduzido de uma série de exemplos válidos e de qualidade arquitectónica indiscutível. Um tipo afirma-se quando existe uma série de edifícios que partilham entre si uma determinada analogia formal e funcional ou mesmo as duas. A sua existência torna-se indiscutível quando o seu uso na prática e na teoria arquitectónicas corresponde às exigências ideológicas, operativas e até religiosas de uma determinada condição histórica e cultural. Foram as funções práticas dos edifícios e a sua configuração formal, independentemente ou relacionadas, que criaram as séries tipológicas reconhecidas na História da Arquitectura.¹³

"Quanto ao problema da produção e transformação de um tipo, ele possui um duplo sentido: o do seu valor social e potencial, não podendo ser considerado somente como uma categoria de análise elaborada à posteriori pelo historiador ou pelo artista, mas um código que estrutura a produção dos espaços construídos. O primeiro sentido corresponde à estrutura evolutiva dos factos históricos que não deve ser analisada de maneira separada e pontual como matéria distinta de tipos, pois o seu interesse é a verdadeira utilidade dos códigos na panorâmica evolutiva arquitectónica da imagética, que se manifesta através de uma crítica

¹² Ibidem, p.35.

¹³ Para abordagem das questões tipológicas, veja-se, também, Nikolaus Pevsner, *A History of Building Types*, Thames and Hudson Ed., London, 1976.

*tipológica. O segundo sentido representa uma TIPOLOGIA FORMAL e verifica-se na leitura dos fenómenos de diversos aspectos construtivos e de códigos, como paredes, tectos, etc., que não estão interligados num conceito socioeconómico, como no Renascimento e no Maneirismo.”*¹⁴

A classificação tipológica em função de programas de edifícios tipo só surgiu na segunda metade do Século XIX – hospitais, escolas, bancos, hotéis, etc. – o que não deu origem a resultados estéticos de relevo. Os tipos históricos de definição espacial mais importantes, ao estarem conotados com um uso funcional com um carácter muito bem definido (ex: edifícios religiosos de planta central) muito dificilmente teriam aplicabilidade nos novos contextos programáticos criados para a época. Contribuíram, sim, como experiências de cultura referentes a um passado arquitectónico sedimentadas em identidades tipológicas específicas, que passaram a funcionar, não como um legado formal e estrutural, mas como afirmação metodológica e de racionalidade conceptual.

*“O tipo surge no momento em que a arte do passado deixa de propor-se como modelo condicionante ao artista. A eleição de um modelo implica um juízo de valor : reconhece-se uma obra de arte como perfeita e trata-se de imitá-la. Mas quando a obra se engloba no esquematismo e na indiferenciação do tipo já não há juízo de valor que comprometa a acção individual do artista: o tipo aceita-se mas não se ‘imita’ – a repetição do tipo exclui este processo criativo que, na tradição do pensamento estético, é a ‘mimesis’”.*¹⁵

A tipologia, apesar de não ser determinante no processo conceptual, está sempre presente de forma mais ou menos expressa. O tipo pode estar associado a uma função mas tem sempre inerente um valor e um simbolismo que são expressos na sua forma arquitectónica. O simbolismo pode existir ainda antes da criação do tipo e mesmo determina-lo ou, por outro lado, pode surgir pelo uso constante associado a uma função.

Quando o significado simbólico é anterior ao tipo e contribui para a sua definição, acaba por ser revelado por certas formas arquitectónicas. Quando, pelo contrário, são os factores históricos que comprovam a repetição destas mesmas formas na sistematização do tipo, os conteúdos simbólicos acabam por ser transmitidos e expressos de forma mais ou menos consciente. A procura de um conteúdo simbólico como pressuposto inicial de contextualização com uma tradição formal anterior é quase sempre inconsciente, o que acaba por dar maior importância aos valores associados à estética e à história das arquitecturas derivadas dos diferentes tipos.

O simbolismo associado a determinado tipo de edifícios religiosos do Renascimento surgiu, em grande parte, da relação objectiva de um conteúdo ideológico pré-determinado com estruturas formais resultantes do conhecimento de tipos de definição espacial originados na Antiguidade Clássica e reafirmados durante a idade média – ex: edifícios religiosos de planta central.

¹⁴ Victor Consiglieri,
Op. Cit., p.151.

¹⁵ Giulio Carlo Argan,
“Sobre el concepto de
Tipología Arquitectónica”,
Op. Cit., p.49.

Partindo do conceito de “*tipo ideal*”, teorizado por Max Weber no campo das ciências sociais, entendido como abstracção ou construção racional que actua como modelo de referência, modelo aberto a actualizações progressivas em função da evolução de uma cultura ou sociedade, José Maria Montaner¹⁶ associa-o objectivamente à produção arquitectónica do Movimento Moderno que, segundo ele, é fundamentada no estabelecimento de séries de “*obras modélicas*”, de tipos ideais, que se impuseram como referência quase obrigatória para a criação de outras de carácter equivalente ou que se assumiram como “*protótipos arquitectónicos*”. Estes propunham resolver problemas delicados, como por exemplo a arquitectura residencial num período histórico totalmente novo, em corte com o passado, adquirindo os seus métodos de projecto e de construção as novas referências já generalizadas da produção industrial.

“A noção weberiana de ‘tipos ideais’ está no substrato de grande parte das interpretações da Arquitetura Moderna. A exposição ‘O Estilo Internacional’, dirigida em 1932 por Henry-Russell Hitchcock e Philip Johnson, é uma mostra perfeita de tais raciocínios. Cada exemplo paradigmático é medido e comparado em relação a umas normas, a um tipo ideal, a um estilo internacional cujos três princípios formais estabelecidos são: a arquitectura como volume e jogo dinâmico de planos; o predomínio da regularidade substituindo a simetria axial académica; e a ausência de decoração acrescentada que surge da perfeição técnica. Três são essencialmente as obras modélicas: Ville Savoye, de Le Corbusier, o Pavilhão de Barcelona e a Casa Tughendaht, ambos de Mies Van der Rohe. Dos demais exemplos mede-se sua perfeição e beleza em relação a estes ‘tipos ideais’.”¹⁷

A tipologia associada ao processo criativo da concepção arquitectónica, para além da sua importância no campo teórico como sistema de classificação e de análise formal e estrutural, em convergência com o conceito de tipo de G. Carlo Argan, é evidente na obra de Luis Kahn, nos anos sessenta do Séc.XX. Os edifícios por si projectados materializavam uma aproximação aos processos de estruturação tipológica, em que eram recriados intensionalmente os significados simbólicos das formas geométricas no uso de gramáticas formais seleccionadas, e de certa forma repetitivas, partindo de sistemas de ordenação espacial e geométrica derivados da tradição clássica, donde recupera a hierarquia, a axialidade e a simetria, num novo e descomplexado contexto de modernidade.

Com base numa reflexão sobre a História da Arquitectura, Aldo Rossi, no seu livro *A Arquitectura da Cidade*, faz um discurso de ênfase da importância das questões tipológicas na criação arquitectónica e urbana, o que se tornou um ponto de referência na teorização sobre o assunto. Para Rossi, o conceito de tipo pode constituir o fundamento base da Arquitectura. Na criação das primeiras aglomerações urbanas ele refere que “o tipo foi sendo constituído segundo a necessidade e segundo a aspiração de beleza, único e, no entanto, variadíssimo

¹⁶ Josep Maria Montaner, Op. Cit., p.111.

¹⁷ Ibidem, p.111.

em sociedades diferentes e unido à forma e ao modo de vida”. Considera o tipo como “algo permanente e complexo, um enunciado lógico que precede a forma e que a constitui”, qualidades essenciais para que tenha uma aplicabilidade útil para a prática da Arquitectura, pela sua repetição sucessiva, e que, como seu fundamento base seja sistematizada na teoria, nomeadamente nos tratados de Arquitectura.¹⁸

Aldo Rossi também subscreve a distinção entre *tipo* e *modelo* feita por Quatremère de Quincy, ao associar o tipo às regras mais do que às formas básicas da Arquitectura, e acrescenta que o tipo é sempre constituído por elementos compositivos irreduzíveis, espécie de elementos fundamentais desta disciplina.

*“Se o elemento típico, ou simplesmente o tipo, é uma constante, então é possível reencontra-lo em todos os factos arquitectónicos. É, pois, também, um elemento cultural e como tal pode ser encontrado nos diversos factos arquitectónicos; a tipologia converte-se, assim, amplamente no momento analítico da Arquitectura e é, ainda, mais facilmente individualizável ao nível dos factos urbanos.”*¹⁹

O tipo é, pois, constante e apresenta-se com caracteres de necessidade, que, embora sendo determinados, reagem dialécticamente com a técnica, com as funções, com o estilo, com o carácter colectivo e com o momento individual do facto arquitectónico.²⁰

Tanto Rossi como alguns dos seus seguidores, ao referirem-se ao tipo, deram demasiada importância à consideração de diferenças ontológicas. Isto é evidente quando o tipo é definido como “fenómeno cultural” que “quase se torna uma constante”, especialmente no caso em que a sua evolução é submetida a uma “prolongada gestação”. A. Rossi também não fez a distinção entre a linguagem básica, a rotina construída e o estilo, colocando-as juntamente num conceito de tipo algo difuso.²¹

O seu entendimento sobre o tipo acrescenta bastante à abordagem feita pelos arquitectos funcionalistas do Movimento Moderno que, ao determinarem a forma a partir da função, consideravam o tipo quase como uma resultante matemática da materialização arquitectónica dum determinado programa tipológico ou função.

Em síntese, A. Rossi afirma que “o tipo é a própria ideia da arquitectura, o que está mais perto da sua essência”, e, apesar de se poder transformar e evoluir com o tempo, “sempre se impõe ao sentimento e à razão, como o princípio da arquitectura e da cidade”. Afirma a tipologia como “a ideia de um elemento que tem um papel na constituição da forma, e que é uma constante.”²²

¹⁸ Aldo Rossi, *A Arquitectura da Cidade*, Ed. Gustavo Gili, Barcelona, 1982, p.78.

¹⁹ Ibidem, p.79.

²⁰ Ibidem, p.79.

²¹ Christian Norberg-Schulz, *Architecture: Presence, Language, Place*, Ed. Skira, Milan, 2000, p.142.

²² Aldo Rossi, *Op. Cit.*, p.80.

Aldo Rossi contribuiu para a formulação de uma metodologia arquitectónica, de carácter historicista, que defendia a estrutura da cidade tradicional e que se apoiava numa interpretação crítica da história, totalmente direccionada para a procura de uma dimensão cultural e colectiva da Arquitectura.

À interpretação do tipo arquitectónico importado do academismo do Séc.XIX eram acrescentados novos propósitos essenciais para o pensamento e para a prática da Arquitectura – questões relacionadas com o contexto, com as tecnologias, as formas e a linguagem da arquitectura passam a fazer parte duma nova realidade intelectual que desprezavam os estudos e métodos analíticos dos arquitectos racionalistas do Movimento Moderno.

Desde então, o conceito de tipologia tem vindo a procurar soluções morfológicas de carácter universal, sem estarem dependentes do rigor impositivo de princípios funcionalistas, sem conotação com qualquer tipo de regionalismo, mas procurando, antes, a coerência arquitectónica da estrutura, da forma e do tipo.